

Introdução ao Profetismo

*Luciano R. Peterlevitz**

Resumo

Afirmar-se-á que o termo “profeta” não é oriundo de Israel, mas do antigo mundo da Bíblia (Antigo Oriente Próximo). No entanto, a profecia bíblica tem seus matizes próprios que exalam a verdade do Deus de Israel. Muitos foram os profetas que atuaram em época e contexto diferentes. Uns escreveram. Outros não. Os que escreveram valeram-se dos mais variados gêneros literários, dentro dos quais, o símbolo profético. Alguns profetas estavam comprometidos prioritariamente com uma causa política que lhes trouxesse benefícios pessoais. Já outros falavam somente o que Javé ordenara, independente das conseqüências, e tiveram a coragem de confrontar uma monarquia organizada que priorizava os abastados da sociedade em detrimento dos pobres e injustiçados. Assim, a profecia bíblica surge como um contraponto ao Estado monárquico e seus viabilizadores: exército, sacerdote, juizes e latifundiários, todos comprometidos com uma organização que menosprezava o relacionamento com Deus e com o próximo. Isso demonstra que o profeta estava comprometido com sua vocação. O compromisso do verdadeiro profeta estava com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra.

Palavras-chaves: Profecia – Estado Monárquico - Gêneros Literários.

Abstract

It will be affirmed that the term “prophet” is not derived from Israel, but from the ancient biblical world (Ancient Near East). However, biblical prophecy has its own matrix, which exalts the true God of Israel. There were many prophets that were active in different epochs and contexts. Some wrote, others did not. Those that wrote availed themselves of the most varied literary genres, among those, the prophetic symbol. Some prophets were committed principally to political causes that brought them personal benefits. Others spoke only what Yahweh ordered, regardless of the consequences, and had the courage to confront an organized monarchy that gave priority to the well off of society in detriment to the poor and disadvantaged. Thus, biblical prophecy arises as a counter-point to the state monarchy and its supporters: army, priest, judges and landed gentry, all committed to an organization that disparaged relationships with God and neighbor. This demonstrates that the prophet was committed to his vocation. The commitment of the true prophet was to the Word of God to the God of the Word.

Key words: Prophecy – State monarchy – Literary genres.

* *Luciano Robson Peterlevitz é pastor na Missão Batista Vida Nova, em Nova Odessa, SP. É Bacharel em Teologia, pela Faculdade Teológica Batista de Campinas. Mestre em Ciências da Religião, na área de Literatura e Mundo Bíblico, pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor da Faculdade Teológica Batista de Campinas.*

Introdução

Minha intenção neste texto é despertar os nossos púlpitos e salas de escolas dominicais a um estudo mais acurado nos profetas. Pois os livros proféticos são pouco lidos pelo povo de Deus e pouco ensinados.

Começarei abordando a profecia de forma geral, sua amplitude no Antigo Oriente Próximo, e sua relação com a profecia bíblica. Depois passarei analisar mais especificamente a profecia e os profetas bíblicos: algumas definições de profecia/profetas; os profetas pré-literários e os profetas literários; a verdadeira e a falsa profecia; a relação entre profeta e Estado; a vocação profética. Portanto, procurarei introduzir os conceitos elementares da profecia hebraica.

Nesse ensejo, destacarei alguns aspectos da profecia bíblica, e que deles brotem um desejo de conhecer melhor os profetas, anunciadores da Palavra de Deus.

1 – A Profecia no Antigo Oriente Médio, em especial na cidade de Mari

O profetismo é um fenômeno religioso presente em muitas culturas do Antigo Oriente Médio. Havia na antiga Assíria um tipo de profecia estática, exercida por sacerdotisas associadas ao templo de *Ishtar*. No Egito não existe certa evidência sobre o aparecimento de profetas.¹ E, em Canaã, parece ter existido também profetas extáticos, que conhecemos mais através dos textos bíblicos do que pelos extrabíblicos² (1Rs 18, 19.26-29). Os cananeus faziam uso de árvores sagradas, (vide o carvalho de Moré, em Gênesis 12.6 - *Moreh*, em hebraico, significa “mestre”), além de sonhos e a interpretação dos vôos dos pássaros.

Mas, atenção especial merece Mari, antiga cidade na Mesopotâmia. As descobertas das cartas de Mari (escritas no século 18 a.C.) possibilitaram a realização de uma correlação entre a profecia israelita e a profecia no Oriente Próximo Antigo. No entanto, ainda há um debate entre os estudiosos sobre até que ponto a profecia de Mari possui laços culturais e históricos com os profetas de Israel.

As cartas de Mari mencionam vários tipos de emissários transmissores de oráculos. Um deles é chamado de *Apilu/ apiltu*, que provavelmente é a forma participial do verbo *apalu*, “responder”. A designação “aquele que responde” pode sugerir que os *apilus* davam respostas a perguntas propostas à divindade. Um extrato menciona o *apilu*, que aparentemente prometeu ao rei vitória e domínio sobre outras nações:

*Fala ao meu senhor: Assim (diz) Mukannishum, teu servo: eu tinha oferecido os sacrifícios a Dagan pela vida de meu senhor. O “respondente” de Dagan de Tatal ergueu-se; assim falou ele, a saber: “Babilônia, estás ainda disposta? Eu te conduzirei para a armadilha (?) ... As casas / famílias dos sete parceiros e quaisquer que (sejam) sua possessões eu porei nas mãos de Zimrilim.”*³

Sabemos que vários títulos proféticos mencionados nas cartas de Mari relacionam-se com o período de Zimrilim, rei daquela cidade por volta de 1700 a.C. Eles comporiam uma classe de homens e mulheres que recebiam alguma ordem da divindade.

¹ Veja um debate sobre isso em J. M. Albrego de Lacy, *Os livros proféticos – Introdução ao estudo da Bíblia*, tradução de Alceu Luis Orso, São Paulo, AM Edições, p.23-25.

² Luis Alonso Schökel e José Luis Sicre Diaz, *Profetas I*, São Paulo, Edições Paulinas, 1991, p.33-34.

³ Georg Fohrer, *História da religião de Israel*, tradução de Josué Xavier, São Paulo, Edições Paulinas, 1982, p.279.

Relacionavam-se com algum templo e transmitiam um oráculo por meio de presságios, sonhos ou visões e experiências extáticas.

Existe relação entre os profetas do Antigo Testamento e os profetas do Antigo Oriente Próximo?

Até que ponto a profecia do Antigo Oriente Próximo relacionava-se com a profecia de Israel? É fundamental afirmarmos que essas duas correntes proféticas diferem bruscamente em seu *caráter teológico*.⁴ As divindades mencionadas nas cartas de Mari são falsos deuses, ao passo que os profetas bíblicos foram devotos do verdadeiro Deus de Israel.

Além disso, em sua maneira de proceder, os profetas pagãos diferenciavam-se dos profetas bíblicos. Alguns deles usavam a lecanomância (leitura do futuro pela figura do azeite derramado numa taça sagrada), a hepatoscopia (a leitura do futuro pelos riscos do fígado de animais sacrificados aos ídolos). Os cananeus faziam o uso de árvores sagradas. “O profeta pagão não trazia uma mensagem com fundo moral e ético. Apenas buscava descobrir o futuro para orientar os reis sobre guerras a declarar, alianças políticas a fazer ou decisões por tomar, como os adivinhadores e os sábios de Faraó, em Gênesis 41.8.”⁵

Há, portanto, inúmeras diferenças entre os profetas bíblicos e os profetas do Antigo Oriente Médio.

2 – A profecia em Israel – Definições

O movimento profético vétero-testamentário é caracterizado pela multiplicidade. Há profetas de muitos matizes.⁶ Em resumo, existem três ramificações do profetismo. 1) Existem profetas do templo e da corte (Natã e Gade, que estavam na corte com Davi); 2) existem profetas críticos, pré – literários, que se distanciam da corte e do templo (Elias e Eliseu); 3) existem profetas radicais, da profecia literária, que visam ao fim do rei e do Estado (Amós, Isaías, Jeremias, etc..). Portanto, a profecia bíblica é um fenômeno diversificado.

Títulos Proféticos

Em 1Sm 9.6-11 lêem-se três termos: *'ish 'elohim* “homem de Deus” (v.6-10), *ro'eh* “vidente” e *nabi'* “profeta” (v.11). Em 1Cr 29.29 usam-se três títulos: *ro'eh, nabi' e hozeh*. Analisaremos cada um desses termos.

Essa multiplicidade de termos tem gerado muitos debates entre os estudiosos. Principalmente ao que diz respeito aos “videntes” e “profetas”. Para Georg Fohrer, havia duas formas de profecia no Antigo Oriente Médio, que correspondiam a dois tipos de fundo religioso, isto é, a religião nômade e a religião da área cultivável. Os *videntes* seriam oriundos do mundo nômade e os *nabiim* (profetas) originaram-se da área de

⁴ Veja Andrew E. Hill & J.H. Walton, *Panorama do Antigo Testamento*, São Paulo, Editora Vida, 2006, p.447-448.

⁵ Isaltino Gomes Coelho Filho, estudo apresentado ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em Cabo Frio, agosto de 2004, p.01. Texto sem fins comerciais.

⁶ Milton Schwantes, “Profecia e Estado – Uma proposta para a hermenêutica profética”, em *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, v.22, 1982, p.105-145.

cultivo.⁷ No entanto, outros estudiosos questionam a afirmação de que os videntes seriam um fenômeno nômade. O “fenômeno extático e o profetismo extático não estão restritos a determinadas regiões e nem vinculados a povos ou raças específicas... É impossível dizer quando esse fenômeno surgiu em Israel”⁸. Israel não conheceu o profetismo *nabi* somente em terra cultivável. Pois os nômades também receberam o título de *nabi* (Gn 20.7 – Abraão, o primeiro a ser chamado de profeta na Bíblia).

Vejamos um pouco mais o significado dos termos hebraicos empregados para “profeta”.

Ro’eh e Hozeh (Vidente)

Os termos *ro’eh* e *hozeh* são intercambiáveis; ambos têm o sentido de vidente.

O termo hebraico *hozeh* significa “aquele que vê”, e relaciona-se com *hazon*, “visão” (Is 1.1). 1Sm 9.9 parece indicar que *nabi* e *hozeh* significavam algo diferente no passado, mas depois se tornaram sinônimos. 1Cr 29.29 utiliza as três palavras analisadas anteriormente, *nabi*, *roeh* e *hozeh*.

Para muitos estudiosos a vidência seria um dos tipos da profecia, tendo o *vidente* como figura preponderante, de acordo com exemplos arábicos. O vidente corresponderia, pois, ao termo árabe *kahin*. A esse fenômeno assemelhavam-se os nômades patriarcas e Balaão (Nm 22-24).

O termo *ro’eh* “vidente” designa “alguém que vê”. Assim, o profeta podia penetrar o futuro e revelá-lo (Dt 18.21-22). São carismáticos, e podem também ser chamados de “homem de Deus” (Moisés e Samuel – Dt 33.1; 1 Sm 9.1-10,16).⁹ Um dos usos dessa palavra está em Amós 7.12 onde Amazias chama Amós de *ro’eh*: “Vai-te, ó vidente (*ro’eh*), foge para a terra de Judá, e ali come o teu pão, e ali profetiza”.

Isaltino Gomes diz:

Nem sempre o termo está associado com vidência. Algumas vezes é uma interpretação dos eventos ou a compreensão de algo mais profundo numa visão comum. Jeremias vê um oleiro fazendo um vaso e compreende a relação entre Iahweh e Israel (18.1-4). Vê uma vara de amendoeira florescendo (1.11-12) e faz um trocadilho: ele vê uma “amendoeira” (*shaqed*) que soa parecido com “vigilante” (*shoqed*). A amendoeira floresce quando capta o aumento da umidade do ar. Está pronta para lançar as folhas, novamente. Ela vigia, ela *shoqed* o ar. Assim Deus está *shoqed* com sua palavra. Ninguém veria isso, mas o profeta vê. Ele vê uma panela fervendo, na parte norte (1.13-15). Estava vazando. Ele vê a ira de Deus fervendo e pelo norte, de onde vem um inimigo. Não tem sentido algum para o homem comum, mas tem para ele. O profeta vê o que os outros não vêem. Chamaríamos isso, hoje, de discernimento. Lá estão os homens a brincar com o pecado, a sociedade a relaxar seu padrão de conduta, a moralidade baixar assustadoramente.¹⁰

⁷ Georg Fohrer, *História da religião de Israel*, p.274-279.

⁸ Joh Lindblom, citado por Werner H. Schmidt, *A fé do Antigo Testamento*, p.334.

⁹ Antonius H.J. Gunneweg, *Teologia Bíblica do Antigo Testamento – Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblica – teológica*, tradução de Werner Fuchs, São Paulo, Editora Teológica, Edições Loyola, 2005, p.237 (Série biblioteca de estudos do Antigo Testamento).

¹⁰ Isaltino Gomes Coelho Filho, *O profetismo em Israel*, estudo apresentado ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em Cabo Frio, agosto de 2004, p.03. Texto sem fins comerciais.

Nabi' (Profeta)

Um dos tipos de profecia do Antigo Oriente Próximo relacionava-se principalmente com a fertilidade da vegetação da terra cultivável. Trata-se dos *profetas extáticos*. Eram os profetas ligados a um santuário local ou cortes reais. Para muitos estudiosos o termo hebraico *nabi'* relaciona-se com esse tipo de profecia.¹¹ A exemplo disso, temos os profetas extáticos de Baal (1Rs 18.19.22; 2Rs 10.19).

Antonius Gunneweg distingue o fenômeno do *nabi'* (profeta), na origem e no conteúdo, do fenômeno da vidência.¹² Os significados da raiz *nb'* (“chamar”) em textos proféticos seriam “portar-se como *nabi'* em delírio extático; “estar fora de si”; “estar possuído”. Ao contrário dos videntes, esses *nabiim* podem aparecer reunidos em grupos (1Sm 10.10-13; 19.18 2Rs 2.15; 4.38; 6.1; 13.11; 2Rs 2.3.5; Ml 3.5).

Há, neste sentido, o caso de Saul, “no meio dos profetas” (1Sm 19.18-24). Esse episódio merece uma observação: o Espírito de Deus veio sobre Saul, que despindo sua túnica, profetizou diante de Samuel, e permaneceu deitado, sem ela, um dia e uma noite, diante de Samuel. Pode ser questionada a afirmativa de que Saul profetizou como um profeta bíblico. Muitos estudiosos afirmam que Saul não profetizou como um profeta de Deus. Assim, pode-se traduzir o termo ‘profetizar’ nesta ocasião por ‘ficou em transe profético.’

Mas não se pode definir estritamente um *nabi'* somente como um profeta extático e que vive em grupo. *Nabi'* pode ser aplicado aos vários grupos e indivíduos.¹³ O termo provavelmente relacionava-se com o acádio *nabû* “chamar”, “anunciar”, “nomear”, mas não se sabe se tem sentido ativo ou passivo. Se considerarmos que o hebraico exprime a ação de profetizar no passivo, teremos que sugerir que o *nabi* sofria a ação que Deus lhe impunha, e conseqüentemente, a ação profética não dependia da iniciativa humana, mas somente da ação divina.¹⁴ Assim, etimologicamente, *nabi* significaria “chamado”, “convocado” para uma missão concreta.

Também ressalto que o *nabi'* é um *ro'eh*. É o caso de Amós, chamado de *ro'eh* (Am 7.12). Ele é “alguém que vê” (lembre-se: esse é o significado de *ro'eh*), uma referência às suas visões (Am 7 – 9). Mas ele é um *nabi'*, alguém que profetiza/proclama a Palavra de Deus (Am 7.15). Obadias teve uma “visão” (*hazon*) sobre Edom (Ob 1.1). Miquéias também é aquele que vê (Mq 1.1), e da mesma forma Naum (Na 1.1), Habacuque (1.1) e Isaías (Is 1.1).

Os profetas, portanto, foram anunciadores da Palavra de Deus, porque viram o desenrolar da história de uma maneira profunda. Eles souberam ler a história porque foram chamados pelo Deus da história. Profeta é o homem que vê para onde a história vai. Para

¹¹ A. Kuenen defendia a origem cananéia do termo *nabi'*, derivado da suposta raiz (*nb'*), significando ‘agitar-se’, o que lhe permitiu uma relação entre o termo *nabi'* com a exaltação profética dos profetas de Baal. Veja J. M. Albrego de Lacy, *Os livros proféticos – Introdução ao estudo da Bíblia*, tradução Alceu Luis Orso, São Paulo, AM Edições, p.27.

¹² Antonius H.J Gunneweg, *Teologia Bíblica do Antigo Testamento – Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblica – teológica*, p.237-238.

¹³ Em 1Rs 18,13 o termo *nabi'* aplica-se aos “profetas de Javé” *nebi'ey yhvh*; em 18,19 refere-se aos “profetas de Baal” *nebi'ey ha-ba'al* e aos “profetas de aserah” *nebi'ey ha-aserah*; e, no v.22, Elias aplica o termo a si mesmo.

¹⁴ Samuel Amsler, Jesus Asurmendi, J. Auneau e Martin R. Achard, *Os Profetas e os livros proféticos*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p.15-16; José Luis Sicre Diaz, *Profetismo em Israel – O profeta, os profetas, a mensagem*, Petrópolis, Vozes, 1996, p.81-90.

nós, hoje, isto significa a necessidade de formar uma cosmovisão bíblica, entender a história pela Bíblia, pesquisar, ler, refletir. Salvo engano meu, foi Karl Barth quem disse que o verdadeiro teólogo tem a Bíblia em uma das mãos e o jornal diário em outra. Precisamos entender o mundo pela Bíblia.

'Ish ha-elohim (Homem de Deus)

Um outro título profético é *'ish ha-elohim* “homem de Deus”. Este título refere-se a alguém que opera milagres mediante uma íntima relação com Javé (1Rs 17, 18; 13.1,11; 20.28; 2Rs 1.9-18; 4.7; Jz 13.6.8; 2Cr 25.7,9).¹⁵ Mas é bom notarmos que não é um título auto-apregoador a si mesmo de forma triunfal. Era um reconhecimento que os outros faziam do profeta. O termo aparece 76 vezes no Antigo Testamento e quase na metade das vezes é aplicado a Eliseu. O *ish Elohim* é mostrado como uma pessoa de confiança de Deus e as pessoas vêm isso na sua vida.

Beney ha-nebi'im (Filhos dos profetas)

Com Eliseu parece surgir na profecia a relação *mestre-discípulo*. Os *beney ha-nebi'im*, “filhos dos profetas”, estão assentados diante de Eliseu (2Rs 4.38; 6.1; cf. 2.15). Esses discípulos de profetas parecem viver temporariamente juntos: reúnem-se num lugar modestamente mobiliado, tomam refeições em conjunto e talvez de distingam através de um sinal na cabeça (1Rs 20.41; 2Rs 2.23).

3 – Os antigos profetas

Os antigos profetas viveram no período pré-clássico da profecia, antes do período áureo da profecia literária, iniciado por Amós. Alguns desses profetas detinham as rédeas da liderança em Israel (Moisés, Débora e Samuel). Outros trabalharam na corte real (Natã), e ainda outros foram verdadeiros conselheiros e confrontadores dos reis de Israel (Elias e Eliseu). Alistemos alguns desses profetas:

- **Moisés** (Dt 18.15-22). Segundo Dt 18.16-18, a instituição do profetismo por Javé remonta-se à teofania no monte Horeb (cf. Ex 20.19-21; Dt 5.23-28). O ofício profético de Moisés, que recebia diretamente a palavra de Deus, exercia o papel de mediador da aliança.
- **Samuel**. Depois de Moisés, os judeus consideram Samuel o segundo maior profeta (At 3.24; Sl 99.6; Jr 15.1). Ungiu os dois primeiros reis de Israel, Saul e Davi.
- **Elias**. Temos as seguintes narrativas que aludem a Elias: 1Rs 17-19; 21; 2Rs 1.1-17. Elias apareceu no período do reinado de Acab (874-852 a.C.), e não estava ligado a nenhum santuário, nem vivia em um grupo de profetas. No contexto do reinado de Acab, Elias tenta resolver o problema da adoção da cultura e religião cananéias pelos israelitas. Defendeu a antiga ideologia nômade, sobre a propriedade da terra, advogando que o rei não era dono da terra (veja o caso de Nabot, 1Rs 21). Elias pregava que Javé, e não baal, era o dono da chuva e da fertilidade. Ele é considerado como um segundo Moisés, tipificando todos os profetas (Ml 4.4-5 e Mt 17.1-3).

¹⁵ José Luis Sicre Diaz, *Profetismo em Israel*, p.79-80.

➤ **Eliseu.** As narrativas sobre Eliseu são encontradas numa forma quase unida em 2Rs 2; 3.4-27; 4.1-8.15; 9.1-10; 13.14-21. Vemos que Eliseu está associado com Guilgal, onde morava (2Rs 4.38). Um dos momentos mais notáveis na carreira de Eliseu é sua participação da unção de Jeú, ardente defensor do javismo, que se empenhou a destruir a dinastia omrita e o culto a baal. Eliseu fazia parte dos intelectuais que participaram de tal revolução (1Rs 9.1-10). Eliseu tinha uma característica diferente de Elias: fundou uma escola de profetas, que reunia em torno de si um grupo de profetas, numa localidade fixa.¹⁶

➤ **Gad.** Não atua num grupo. Ele é chamado de “vidente” (2Sm 24.11), e há três aspectos de atuação principal: relaciona-se com o culto (2 Sm 24.18); aconselha o rei (1 Sm 22.5) e condena o mesmo (2 Sm 24.11-12).

➤ **Natã.** Também atua sozinho. Proclama a eternidade do reinado de Davi (2 Sm 7); partida-se por causas políticas (2Rs 1.11, 23-27) e condena o pecado do rei (2 Sm 12.1-15).

➤ **Aías de Silo** (1Rs 11.29-39; 14.1-18). Era silonita e vivia no antigo centro cultural efraimita que se relacionava com Samuel e o sacerdócio de Eli. Seus discursos condenam a realeza salomônica. (1Rs 11.29-40)

➤ **Outros profetas:** Jeú – 1Rs 16.7; Miquéias, filho de Jemla (1Rs 22.8s.); Jonas (2Rs 14.25); Hulda (2Rs 22.14).

4 – Os profetas clássicos (literários)

Os chamados “profetas escritores” atuam na história de Israel no decorrer de três séculos – entre 750 e 450. Eles atuaram exatamente no período de sobrevivência da monarquia israelita, desde quando Israel atingiu a prosperidade sob a liderança de Jeroboão II, passando pela eliminação do estado do Norte em 722 a.C., até a extinção do estado judaíta no séc. 6 a.C. Depois do fim da monarquia judaíta, o profetismo chegou ao fim, por volta de 450 a.C. Observa-se, então, que o profetismo estava associado à instauração da realeza.¹⁷

Os profetas literários podem ser divididos em três grupos, concernentes aos seus períodos históricos:

- 1) Os profetas do 8º século (760 – 700 a.C.): Amós; Oséias; Isaías; Miquéias; Jonas.
- 2) Os profetas dos 7º e 6º séculos (640 – 587 a.C.): Sofonias; Naum; Jeremias; Habacuque; Ezequiel.
- 3) Os profetas do 6º e 5º séculos (539 – 443 a.C.): Ageu; Zacarias; Obadias; Daniel; Joel; Malaquias.

A Literatura Profética

A principal peculiaridade da literatura profética é o dito profético, ou oráculo. Trata-se de pequenas unidades literárias, pequenos textos. Com poucas exceções (Daniel e Ageu

¹⁶ No entanto, mesmo antes de Eliseu, parece já haver grupos de profetas, ambulantes extáticos (1Sm 10.9-13; 19.18-24), ou simplesmente homens que vivem em grupo (1Sm 19.20).

¹⁷ Samuel Amsler, ... *Os Profetas e os Livros Proféticos*, p. 21.

principalmente), os livros proféticos são coletâneas aleatórias de unidades individuais.¹⁸ Se lermos sobre Elias e Eliseu, depararemos com o uso da narração para se descrever seus ministérios. No entanto, nos profetas do oitavo século, a narração passa ao segundo plano; usa-se uma coleção de *logia* reunidas desordenadamente; não há ordem cronológica (talvez somente em Ezequiel). E a principal característica desses oráculos é a poesia, marcada pelo ritmo e pelo paralelismo.

Milton Schwantes, num estudo no livro de Amós, mostrou que *ditos* e *panfletos* caracterizam a literatura profética.¹⁹ O dito seria uma pequena unidade de sentido, uma *perícopé*. O panfleto seria a formulação literária de agrupamento/coleções de ditos proféticos. As coleções de ditos compreendem-se por um duplo fenômeno. Por um lado, as coleções já são literaturas. É provável que fossem a primeira formulação literária dos ditos de Amós. “O primeiro estágio para o surgimento de um livro foi a formação de uma pequena coleção de ditos isolados.”²⁰ Por outro lado, as coleções ainda são fala. “Foram criadas pelo próprio Amós para apresentá-las no grupo de seus discípulos ou em público.”²¹ Antes de o dito atingir a forma escrita, ele caminhou na *memória* de um grupo (coleções ainda não literárias). Portanto, agrupamentos /coleções são fenômenos de transição. Marcam a passagem da fala profética (dito), pelo memorial (ainda oral), para o panfleto (já escrito). “Antes de ser escrita, a profecia de Amós foi memória. Antes de ser memória, foi fala.”²²

As ações simbólicas dos profetas

Quando lemos os textos proféticos percebemos os profetas ilustrando suas mensagens mediante ações simbólicas. Para ilustrar essas ações simbólicas, escolhemos três profetas: Oséias, Jeremias e Ezequiel.

Oséias

Parece que o casamento de Oséias tenha sido real, e deve ser entendido na categoria do simbolismo (Os 1-3). Todo o arcabouço semântico do matrimônio organiza a mensagem do livro: em um pólo, estão o amor, a união e a fecundidade; no outro comandam o desvio, a ruptura e a morte. Num pólo, no do amor, está Javé (marido); noutro pólo, o da infidelidade, está Israel (esposa).

Logo, o casamento de Oséias parece ser um *ato simbólico*. Era comum entre os profetas transmitir uma mensagem mediante um gesto, que seria um recurso didático para prender a atenção dos ouvintes.

O valor do simbolismo se intensifica com os nomes dos filhos de Oséias:

> *Jezrael*, “Deus semeia” (1.3-5): é uma alusão ao massacre operado por Jeú contra dinastia de Omri, na planície de Jezrael (2Rs 9.15-10.14).

> *Lo-Ruhamah*, “Não-Amada” (1.6-7): porque Javé não mais amará a casa de Israel. O termo hebraico para “compaixão” é *ruhamâ*, da raiz *rhm*; está ligado “...ao ventre e às

¹⁸ John B. Gabel & Charles B. Wheeler, *A Bíblia como literatura*, São Paulo, Edições Loyola, 1993, p.p.101-102 (Coleção Bíblica Loyola – 10).

¹⁹ Sobre a coleção de ditos, e para uma definição de ditos/perícopes, veja Milton Schwantes, *A terra não pode suportar suas palavras – reflexão e estudo sobre Amós*, São Paulo, Paulinas, 2004, p.144-160 (Coleção Bíblia e história).

²⁰ Klaus Homburg, *Introdução ao Antigo Testamento*, São Leopoldo, Sinodal, 1975, p.144.

²¹ Milton Schwantes, *A terra não pode suportar suas palavras – reflexão e estudo sobre Amós*, p.148.

²² Milton Schwantes, *A terra não pode suportar suas palavras – reflexão e estudo sobre Amós*, p.148.

entranhas, sede das mais profundas sensações de ternura, na psicologia hebraica. O julgamento viria e seria sem compaixão”²³.

> *Lo-Ammi*, “Não-meu-povo” (1.8-9): porque a aliança Javé-Israel foi rompida.

Novos nomes simbólicos são construídos em 1.10-2.1: o “Não-meu-povo” é “Meu-povo”; a não “Não-Amada” é “Amada” (2.3). Não há um nome de oposição para Jezrael, pois seu significado é duplo: ao mesmo tempo em que lembra desgraça (1.4), lembra a bênção do Deus da fertilidade (“Deus semeia”).

Jeremias

Jeremias usa muitos atos simbólicos, pelos quais ele expressa sua mensagem profética:

- (1) 13.1-11 – Cinto de linho escondido no Eufrates
- (2) 16.2, 8 – Não se casou, ou comeu ou bebeu em banquete
- (3) 18.1-8 – O oleiro e o barro
- (4) 19.1-13 – A botija quebrada
- (5) 24.1-10 – Dois cestos de figos
- (6) 27.1-8 – Um jugo no pescoço
- (7) 32.6-15 – Compra do campo do parente
- (8) 35.1-19 – A obediência dos recabitas
- (9) 43.8-13 – As pedras escondidas
- (10) 51.63,64 – Livro jogado no Eufrates

Ezequiel

Alguns temas de Ezequiel são protagonizados por sinais:

- Ezequiel representou o cerco de Jerusalém (4.1-3) – Um tijolo
- A fome no cativeiro (4.9-17) - Cozeu pão com excrementos
- A destruição pela espada (5.1-7) – Cortou seus cabelos com navalha e os atirou a vento
- A ida do povo ao cativeiro (12.1-11) – Fez um buraco na parede para partir com suas mobílias, como um deportado.
- O juízo iminente sobre Jerusalém (21.1-17) – A espada afiada e polida
- A vitória da Babilônia (21.18-23) – A espada de Nabucodonozor
- A queda de Jerusalém (24.15-27) – A morte da esposa
- A re-união de Judá e Israel (37.15-28) – Escreve o nome de Judá e de Israel em dois bastões.

²³ Isaltino G. Coelho Filho, *Os profetas menores (I)*, p. 26.

Alguns pesquisadores afirmam a influência de um tipo de magia sobre as expressões simbólicas dos profetas. Outros defendem que as ações simbólicas dos profetas são o último estágio das práticas mágicas. Georg Fohrer questiona tal afirmação, mostrando as diferenças entre magia e ação simbólica: por exemplo, na magia há um complicado ritual, que não há vestígio nos profetas; a magia pretende modificar o curso do destino; a simbólica, pelo contrário, pretende revelar os planos de Deus.²⁴

Voltemos ainda ao que diz Georg Fohrer: as ações proféticas não produziam os eventos simbolizados mecanicamente, em conseqüência de um poder coercivo; antes, para os profetas, os eventos simbolizados ocorreriam pelo poder de Javé, “como uma declaração de Deus, através de seus representantes autorizados, daquilo que ele estava prestes a fazer”²⁵.

Portanto, as ações simbólicas dos profetas não se relacionariam com algum tipo de magia. Mas seria, em primeiro lugar, um recurso pedagógico para ilustrar uma mensagem. Em segundo lugar, os eventos simbolizados não ocorreriam mediante uma influência/força impessoal, como na magia, mas ocorreriam pelo poder de Javé.

4 – A verdadeira e falsa profecia

Vejam as características do verdadeiro profeta israelita, em oposição ao falso profeta:

➤ O verdadeiro profeta anunciava a ruína do poder estatal e religioso, devido ao detrimento moral e espiritual desses (Jr 7; 27-28; cf. 1Rs 22). Os verdadeiros profetas não estavam comprometidos com a política estatal, mas com a Palavra de Deus. Por isso, considerando o fato de que os Estados judáita e israelita abandonaram os princípios do verdadeiro Deus, os profetas anunciaram sem reservas a destruição desses estados por inimigos, principalmente pela Assíria e Babilônia. Basta lermos os textos proféticos e perceberemos isso.

➤ O verdadeiro profeta era a “boca de Deus”, e falava somente aquilo que o Deus ordenava (Dt 18.18-20; cf. 1Rs 17.24; 22.28).

➤ O verdadeiro profeta era avaliado por sua lealdade à Lei (Dt 13.2-6). Gerhard von Rad analisou a profecia israelita partindo da perspectiva das tradições históricas de Israel, e defendeu que os profetas estiveram “profundamente enraizados nas tradições de Israel, e mesmo nas mais antigas”²⁶. Assim, os profetas não são criadores de uma nova religião, mas estão integrados nas tradições sacras que seu povo há séculos articulava. É lógico que isso não implica que os profetas eram meros conservadores das tradições israelitas. “A missão profética específica consistia antes em um trabalho de preservação que atualizasse constantemente a ordem jurídica aos tempos dos ouvintes sempre renovados.”²⁷

²⁴ Georg Fohrer, *História da Religião de Israel*, p.296.

²⁵ Georg Fohrer, *História da Religião de Israel*, p.296.

²⁶ Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento*, vol.2, p.7.

²⁷ Notker Fuglister, “Arrebatados por Iahweh – Anunciadores da palavra – História e estrutura do profetismo em Israel”, p.191.

6 – Profecia e estado

“A questão dos profetas é o reinado; no Estado está o foco de atritos. Esta é a chave para a leitura dos profetas!”²⁸ Isso porque os Estados israelita e judaíta abandonaram os princípios orientadores da fé em Javé, para firmarem votos com falsas divindades, e conjuntamente a isso, aliaram-se a uma ideologia opressora dos pobres desprestigiados da sociedade. Corroborou-se assim a injustiça social. E a palavra profética surge como uma resposta a isso.

Vejamos:²⁹

1º - A maioria dos livros proféticos fixa, em seus cabeçalhos, o reinado (Is 1.1; Jr 1.1; Ez 1.2s; Am 1.1; Mq 1.1; Sf 1.1; Ag 1.1; Zc 1.1).

2º - Profecia e estado surgem juntos, conflitam e juntos desaparecem. Ambos surgem no 10º século e desaparecem no 6º século. Podemos visualizar um esboço desse conflito:

- Samuel, o profeta, critica o reinado (1Sm 8.11-17).
- Gade e Natã (1Sm 22.5; 2Sm 7.2), apesar de pertencerem ao grupo de poder em torno de Davi, são críticos, também.
- Aías, o silonita, apóia a conspiração contra Salomão (1Rs 11.26s.) e depois, opõe-se a Jeroboão (1Rs 13.1s.; 14.1s.).
- Jeú, filho de Hanani, investe contra o rei Baasa, de Israel (1Rs 16.1s.).
- Elias, o tesbita, contra Acabe (1Rs 17s.).
- Micaías, filho de Inlá, entra em choque com Josafá, de Judá (1Rs 22.13s.).
- Eliseu apóia um golpe de Estado contra Jorão, de Israel (2Rs 9.1s.).
- Oséias e Amós contestam Jeroboão II, de Israel.
- Sofonias se opõe aos “regentes” (Sf 1.8).
- Jeremias enfrenta cinco monarcas: Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim/Jeconias e Zedequias.

3º - Crítica e ameaça se afunilam contra o rei (Os 1.4; 13.11; Am 7.11; Is 7.17; Jr 21.11s.; Ez 17.1s.). A profecia também confronta o pessoal do palácio (Am 4.1s.; 6.1s.; Sf 1.8; cf. 1Rs 16.1s.; 21.17s.), o exército (Am 2.14-16; Is 5.22). A desgraça é proclamada para o pessoal da religião: os sacerdotes (Am 7.17; Os 4.4s.; 5.1s.), os profetas (Mq 2.5-7; Jr 23.9s.). A luta também é contra comerciantes (Am 2.6; 8.4-8) e latifundiários (Am 5.11; Mq 2.1-5; Is 5.8-10).

Portanto, para ler os profetas, é indispensável compreendê-los em sua incompatibilidade à dominação organizada do Estado monárquico no antigo Israel. Assim, estudos recentes sobre a profecia evidenciaram que a raiz da profecia não está na estrutura secundária do estado (do templo, da reflexão teológica, da intelectualidade), mas nas estruturas primárias do clã, da vila israelita.³⁰

²⁸ Milton Schwantes, “Profecia e Estado – Uma proposta para a hermenêutica profética”, p.114.

²⁹ Milton Schwantes, “Profecia e Estado – Uma proposta para a hermenêutica profética”, p.114-119.

³⁰ Milton Schwantes, “Profecia e Estado – Uma proposta para a hermenêutica profética”, p.123.

8 – Vocação Profética

Vimos que os profetas criticaram de forma desmedida a monarquia estatal e seus componentes. Portanto, o profeta não estava comprometido com a política monárquica. Antes, seu compromisso estava com Javé. Uma das mais marcantes características dos profetas é a sua vocação, sua relação pessoal com Javé. A vocação é o que há de comum entre os antigos profetas Moisés, Samuel e Elias, e os profetas literários Amós, Isaías e Jeremias. O profeta difere, pois, do sacerdote, que exerce sua função pela hereditariedade.

Isso explica porque o profeta tinha coragem para confrontar reis, sacerdotes e juízes. Pois o profeta estava comprometido com sua vocação, ou melhor, com o Deus de sua vocação.

Amós, em sua autobiografia (7.10-17), descreve sua experiência de vocação: Javé o “arrebata”, “tomou”, do hebraico *lqh* (7.15).

Deus subjuga e surpreende o profeta, ao chamá-lo. Isaías se sente agarrado pela mão, em 8.11: “pois assim disse o Senhor a mim, ao firmar-se a mão (i.e., de Deus)”. A palavra “firmar-se”, no hebraico, é o substantivo *hezqah* “firmeza”. A vocação profética fundamenta-se na firmeza junto à mão de Javé, deliberada pelo próprio Javé! Algo semelhante acontece com Ezequiel (Ez 3.14). Jeremias, também, sente-se “fascinado”, “vencido” (Jr 20.7).

Relacionado ainda à vocação, está o conceito do profeta como um “enviado”. Observa-se isso em Is 6.8. Usa-se o verbo *shalah* “enviar” quando se trata do envio de uma pessoa (por ex., Gn 32.3s.; 37.13s.). Também, é freqüente o uso do verbo “enviar” quando Deus envia seus mensageiros (Êx 3.14s.; 4.13, 28; 5.22; 7.16; Nm 16.28s.; Dt 34.11; Js 24.5; 1Sm 12.8; Mq 6.4; Sl 105.26). Regularmente esse verbo é aplicado quando se trata de profetas: Natã (2Sm 12.1, Gade (2Sm 24.13, Elias (2Rs 2.2, 4, 6; Ml 3.23), Isaías (Is 6.8), Jeremias (Jr 1.7; 19.14; 25.15, 17; 26.12, 15; 42.5, 21; 43.1s.), Ezequiel (Ez 2.3s.; 3.6), Ageu (Ag 1.12), Zacarias (Zc 2.12s, 15; 4.9; 6.15), profetas em geral (Jz 6.8; Is 42.19; 48.16; 61.1; Jr 7.25; 25.4; 26.5; Ml 3.1; 2Rs 17.13; 2Cr 24.19; 25.15; 36.15, cf. Sl 107.20; 147.15, 18).

Realmente o verbo “enviar” é decisivo para a profecia! Observa-se que em Is 6 não emprega-se o verbo *niba*’ “profetizar” nem o substantivo *nabi*’ “profeta”. Schwantes diz: “Parece que os profetas, em geral, não gostavam de ser chamados de profetas (Am 7.14-15!). No caso de Isaías só sua esposa é designada de profetisa (Is 8.3); ele é enviado.”³¹

Conclusão

Outros aspectos da profecia não foram abordados neste estudo, tais como a relação entre profecia e culto, as visões proféticas, os principais temas teológicos dos profetas, o gênero apocalíptico, e outros. Quem sabe esses aspectos sejam desenvolvidos num outro ensaio.

Mas os aspectos aqui abordados já são suficientes para nos introduzir os conceitos fundamentais da profecia veterotestamentária. Meu desejo é que haja em nós o ardor profético! O ardor pela verdade, pela justiça, pelo amor à Palavra de Deus e pelo Deus da Palavra, pelo próximo e pelo bem-estar do próximo.

³¹ Milton Schwantes, *Isaías – Textos selecionados*, p.54.

Bibliografia

ALBREGO DE LACY, J. M., *Os livros proféticos – Introdução ao estudo da Bíblia*, tradução Alceu Luis Orso, São Paulo, AM Edições, 1997.

ALONSO SCHÖKEL, Luis e SICRE DIAS, José Luis, *Profetas I*, tradução Anacleto Alvarez, São Paulo, Edições Paulinas, vol.1, 1991.

AMSLER, Samuel (editor), *Os profetas e os livros proféticos*, tradução de Benôni Lemos, São Paulo, Edições Paulinas, 1992 (Biblioteca de Ciências Bíblicas).

COELHO FILHO, Isaltino Gomes Coelho Filho, *O profetismo em Israel*, estudo apresentado ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em Cabo Frio, agosto de 2004. Texto sem fins comerciais.

CROATTO, J. Severino, “A estrutura dos livros proféticos. As releituras dentro do *corpus* profético”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Editora Voes, volume 35/36, 2000, p.7-27.

EATON, John, *Misteriosos mensageiros - Curso de profecia hebraica*, tradução Cacília Camargo Bartalotti, São Paulo, Edições Loyola, 2000.

EISSFELDT, Otto, *The Old Testament – An introduction*, Oxford, Brasil Blackwell, 1974.

FOHRER, Georg, *História da religião de Israel*, tradução de Josué Xavier, São Paulo, Edições Paulinas, 1982, (Nova Coleção Bíblica, 15).

FÜGLISTER, Notker, “Arrebatados por Iahweh – Anunciadores da palavra – História e estrutura do profetismo em Israel”, em *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*, tradução de Benôni Lemos, São Paulo, Editora Teológica, 2ª edição, 2004.

GABEL, John B. & WHEELER, Charles B., *A Bíblia como literatura*, São Paulo, Edições Loyola, 1993, (Coleção Bíblica Loyola – 10).

GELIN, Albert, “Os livros proféticos posteriores”, em *Introdução à Bíblia – Antigo Testamento – Os livros proféticos posteriores*, André Robert e André Feuillet (editores), São Paulo, Editora Herder, vol.2, 1967, p.51-54.

GERSTENBERGER, Erhard, *Salmos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, vol.1, 1982, (Série Exegese).

GUNNEWEG, Antonius H. J., *Teologia bíblica do Antigo Testamento – Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*, tradução de Werner Fuchs, São Paulo, Editora Teológica/Edições Loyola, 2005, (Série Biblioteca de Estudos do Antigo Testamento).

HOMBURG, Klaus, *Introdução ao Antigo Testamento*, São Leopoldo, Sinodal, 1975.

HILL, Andrew E. & WALTON, J.H., *Panorama do Antigo Testamento*, São Paulo, Editora Vida, 2006.

KOCH, Klaus, *The prophets – The babylonian and persian periods*, Philadelphia, Fortress Press, vol.2, 1984.

SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg, *Introdução ao Antigo Testamento*, tradução de Mateus Rocha, São Paulo, Paulinas, vol.2, 1977.

SICRE DIAZ, José Luis, *Profetismo em Israel – O profeta, os profetas, a mensagem*, Petrópolis, Vozes, 1996.

REIMER, Haraldo, “A Tradição de Isaías”, em *Estudos Bíblicos*, v. 89, Petrópolis, 2006, p.9-18.

SOGGIN, J. Alberto, *Introduction to the Old Testament – From its origins to the closing of the Alexandrian canon*, Westminster, John Knox Press, 1989 (The Old Testament Library).

SCHWANTES, Milton, “Profecia e Estado – Uma proposta para a hermenêutica profética”, em *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, v.22, 1982, p.105-145.

SCHWANTES, Milton, *A terra não pode suportar suas palavras – reflexão e estudo sobre Amós*, São Paulo, Paulinas, 2004, (Coleção Bíblia e história).

SCHMIDT, Werner H., *A fé no Antigo Testamento*, tradução de Vilmar Schneider, São Leopoldo, Sinodal, 2004.

VON RAD, Gerhard, *Teologia do Antigo Testamento*, tradução de Francisco Catão, São Paulo, Aste, vol.2, 1973.

ZENGUER, Erich, “O livro dos doze profetas”, em *Introdução ao Antigo Testamento*, Erich Zenguer e outros autores, tradução de Werner Fuchs, São Paulo, Edições Loyola, 2003 (Coleção Bíblica Loyola, 36).